



## FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO DE GUERRA NO MANGÁ DE *SHINGEKI NO KYOJIN*

Francisca Mônica da Silva Santos<sup>1</sup>

O imaginário de guerra que constitui o imaginário popular pode estar ligado às inúmeras guerras sobre as quais se tem conhecimento, sendo as duas Guerras Mundiais as mais reconhecidas pelos desastres desumanos causados a povos como ciganos, negros, gays e, principalmente, os judeus. A perseguição de raças e de fé, os exércitos em conflitos, destruições em massa, armas poderosas, refugiados e a população que padece (e perece), são algumas imagens que perpassam o imaginário por gerações. Pensando nisso, o presente trabalho objetivou analisar o funcionamento do imaginário de guerra que se dá a ler no mangá de *Shingeki no Kyojin*, do ilustrador e escritor Hajime Isayama.

Nesse contexto, pretendeu-se observar e descrever o funcionamento do imaginário de guerra desenvolvido no mangá, observando como a memória discursiva dos recortes (tanto em enunciados quanto em imagens) revela uma memória de guerra sofrida pela humanidade, bem como analisar as imagens que os próprios personagens antecipam dos outros agentes envolvidos na guerra. Além disso, propõe-se analisar os gestos de interpretação possibilitados pela leitura do mangá, atendo-se aos efeitos de sentidos das posições assumidas pelos personagens frente ao contexto de guerra. Para tanto, serão analisados os capítulos 87 ao 110 de *Shingeki no Kyojin* (traduzido para o inglês como *Attack on Titan* e para o português como *Ataque de Titãs*).

A obra de Isayama, lançada em 2009 e tendo seu fim em 2021, conta a história de Eren e seus amigos que vivem numa ilha (denominada de *Paradis*), (sobre)vivendo sob o constante ataque de Titãs, dos quais não se sabe a origem. Após anos tentando, finalmente conseguem descobrir que havia vida além da ilha, descobrindo que o lugar que residiam era isolado do mundo por causa de guerras anteriores, das quais foram tidos como culpados. O povo da ilha, os Eldianos "traidores" (impuros e maus), eram taxados de demônios e se encontravam afastados para expiar os pecados, devorados pelo mesmo povo que vivia fora da ilha, em um gueto (chamado de Liberio) à mercê do país de Marley. Sob os "cuidados" de Marley, o Eldianos "bons" sofreram um apagamento de sua história, obrigados a contar uma outra em que a submissão de seu povo se dava pela dívida histórica com Marley, e que, por isso, deviam servi-los como máquina de guerra e em constante submissão.

Os Eldianos eram identificados por uma braçadeira com o emblema de uma estrela, e, para sair dos portões de Liberio era necessário ter permissão. E, ainda que tivessem tal permissão, eram taxados de diversas formas negativas e preconceituosas, fazendo com que a maioria se reconhecesse como tal, isto é, como demônio, pela história que lhes foi contada. Caso houvesse qualquer ato julgado como reacionário ou

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: fcmonicassantos@ufpi.edu.br

que fosse de insubordinação, o povo de Eldia (sem um lugar chamado de seu para viver) sofria punições, como agressão, tortura, morte e, algo pior, eram transformados em Titãs para vagarem pela eternidade na ilha *Paradis*, sem memórias, roupas ou família. Para fugir desse destino, muitos tentavam atingir um status valoroso perante o estado de Marley e obter melhores condições de vida, para tal era necessário ser ou soldado de guerra ou ter potencial o bastante para ser um guerreiro (cargo dado a crianças com rendimentos altos).

Dito isso, tomando como dispositivo teórico-analítico a Análise de Discurso Materialista de Michel Pêcheux, foram selecionados recortes de imagens e sequências discursivas que nos permitem compreender o imaginário de guerra construído pelo mangá, principalmente entre os capítulos 87 e 110, que tornam possível analisar e recorrer a uma memória discursiva de efeitos resultantes de conflitos entre povos em situação de guerra.

Em nossas análises, algumas imagens que serviram de recorte para nosso *corpus*, como as que demonstram os personagens (a população de Eldia) vivendo em guetos vigiados e usando braçadeiras com uma estrela de pontas diversas, remontam a uma memória discursiva do contexto sócio-histórico de guerra da Segunda Guerra Mundial, na qual os Judeus viviam em guetos (como o Gueto de Varsóvia, por exemplo) submissos aos Alemães, identificados como tais pela estrela de Davi que carregavam consigo, como forma de identificação. Encontramos nessas imagens um contraste que significa discursivamente ao observarmos as ruas da cidade e as ruas do gueto: a riqueza e a pobreza, a beleza e a destruição, o desenvolvimento e o atraso, a alegria e a tristeza, a liberdade e a prisão. E significa porque a existência dos eldianos nesse gueto, pelos elementos visuais (a materialidade do não-verbal) que nos permitiram ter essa leitura, se dá de forma periférica, precária, subordinada, aprisionada, depreciada, enquanto a existência dos marleyanos se dá de forma contrária. O imaginário nessas imagens está significado também pela submissão forçada de um povo (no caso, os eldianos), mantida pela cobrança de dívida com o estado dominador (no caso, Marley), sendo obrigados a prestarem serviços, como mão-de-obra trabalhadora escravizada.

A SD1 "descendentes de demônios" analisada revelam, pelo carácter parafrástico realizado ao longo da própria obra pelos personagens, a caracterização de um povo pela sua raça e crença. Pelo efeito parafrástico observamos que as paráfrases "*demônios*", "*demônios de Eldia*", "*monstros gigantes*", "*monstro comedor de gente*", "*súditos de Ymir*", "*assassinos*", "*descendentes imundos de porcos*" e "*sangue-sujos*" são termos que se substituem no movimento parafrástico, pois significam "eldianos" de diversas formas. Entendemos que, nesses casos, há uma sobreposição dos discursos religioso e político, haja vista a equivalência desses termos. Desse modo, assim como ocorreu tal categorização com os Eldianos por sua origem e crença em Ymir (no mangá, é uma jovem originária dos Titãs e dos eldianos com sangue de Titã), aconteceu de modo semelhante com os Judeus por sua raça e crença em Jeová e na estrela de Davi. Fato observável ao acionarmos a memória discursiva.

Recorrendo ao efeito metafórico, em que dizer *x* é silenciar *y*. É o dito pelo não dito. Se é *x*, então quer dizer que não é *y*. Nos é permitido observar que dizer que eldianos são *demônios* é significativo porque silencia qualquer envolvimento angelical, abençoado, bondoso, benéfico, entendendo *demônio* como algo demoníaco/diabólico, amaldiçoado, maléfico. Dizer que é *monstro* é silenciar que é humano. Dizer que é *assassino* é não dizer que é humano comum, é significar dizendo que não é um humano benfeitor. Se é *imundo*, então é *impuro*, quer dizer que não é puro, limpo, imaculado. Se é *sangue-sujo*, então não é o sangue puro, bom, íntegro, decente, prestigiado, respeitável.

Há, dessa forma, uma constante sobreposição dos discursos religioso e do político, quando raça, nacionalidade, crença, descendência e práticas injuriosas estão colocadas em funcionamento no contexto de guerra desenvolvido no mangá. Se formos em busca do termo “domesticados” (utilizado por um dos personagens) pode-se ter como possibilidade de leitura a submissão, a subserviência dos eldianos aos marleyanos. Dado pelo movimento interdiscursivo, em que um dizer sempre retoma outros dizeres, remonta em nós uma memória discursiva do contexto sócio-histórico da Segunda Guerra Mundial, uma memória de como os judeus foram “domesticados”, “submissos”, “subservientes” aos nazistas, por sua crença, raça, nacionalidade e práticas que julgavam como injuriosas. São colocados em causa a origem e raça dos eldianos e a crença e descendência em Ymir, assim como foram colocados em causa a raça dos judeus e a crença em Jeová e a estrela de Davi. Tal “domesticação” mais do que religiosa, é político-econômica.

A polissemia do termo “demônio” passa a ser dada pelo mangá no equívoco, na falha, no deslize de sentidos. No mangá, encontramos dois sentidos que se encontram em constante funcionamento e em contraposição. O primeiro diz respeito ao sentido que o restante da humanidade (principalmente Marley) comunga, no qual os demônios são todos os eldianos, sem distinção, ou seja, tanto os eldianos do continente quanto os da ilha. E o segundo sentido, que se contrapõe a esse primeiro, se trata do sentido dado pelos eldianos do continente, que entendem que os demônios reais são aqueles que residem na ilha, por terem os abandonado no continente, deixando-os à mercê de Marley. Eles creem que são os eldianos da ilha os pecadores e que, por isso, merecem o extermínio, já que são os eldianos maus.

Nas possibilidades de leituras que fazem parte dos gestos de interpretação engendrados na análise em questão, e observando também o período que corresponde aos capítulos que foram analisados, podemos inferir que os eldianos foram interpelados socialmente (ALTHUSSER, 1970) a ocupar uma posição (discursiva) de malignos, malfeitores, pecadores, detentores de um poder maligno e, por isso, são submetidos ao regime totalitário e ditatorial de Marley. Enquanto isso, os marleyanos ocupam uma posição de benfeitores, salvadores, misericordiosos, detentores de vasto poderio militar e do poder titã dos eldianos.

Essa relação entre malfeitor e benfeitor, ressaltando o fator racial para sustentá-la, lembra o que Fanon (2020) relata sobre o negro ser categorizado e submetido a ocupar a posição de mal perante a sociedade essencialmente branca. Situação semelhante ocorreu com os judeus na época da Segunda Guerra Mundial. No mangá, podemos dizer o mesmo aconteceu com os eldianos, nessa relação entre eldianos e marleyanos, a julgar pela forma como eram tratados.

Dito isso, e pelos gestos que nos permitiu ler e interpretar os recortes elencados para a análise que nos propusemos a realizar, observamos o imaginário de guerra trabalhado nessas SDs e imagens, nas quais denunciam que, em contexto de guerra, a crença, a raça, origem e descendência são motivadores para que se deflagre uma guerra.

Portanto, por meio das análises dos recortes, observamos também que o imaginário de guerra observado no mangá *Shingeki no Kyojin*, de Hajime Isayama, se relaciona com ocorrências preexistentes, anteriores, alhures, que já ocorreram antes e em outro lugar, e que, pelo recurso discursivo do interdiscurso, se torna possível recuperar a memória discursiva desse imaginário. E, assim, permitem que sejam significadas de outros modos dentro da obra.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

AMARAL, Abraão Janderson dos Santos; LOPES, Maraísa; CAMPOS, Dastur Costa; OLIVEIRA, Kerleiane de Sousa. Os Sentidos da Guerra na Síria e as Condições de Produção de uma Imagem. **Policromias** - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 4, p. 170-188, 2019.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LOPES, Maraisa. **Folha de S. Paulo**: da produção de sentidos acerca da Guerra do Iraque. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

LOPES, Maraisa. Nomes de uma guerra e de seus protagonistas: uma análise semântico-discursiva. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 7, p. 1-10, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni Puccinelli. (orgs.). **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e Textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: movimento dos sentidos. Campinas: Editora Campinas, 2008.